

As más notícias

Maria Angélica Melendi

Sobre um muro de concreto, uma mulher escreve com letras de fôrma. As primeiras palavras que escreveu já desapareceram quando completa a frase.

Doze mortos num atentado à revista “Charlie Hebbo” em Paris 08/01/2015

Do dia 8 ao dia 31 de janeiro de 2015, a artista escreve a cada dia, todos os dias, uma manchete escolhida nos jornais da data.

A tensão voltou às ruas do Brasil

09/01/2015

Mais um professor é morto em Acapulco

10/01/2015

Estado Islâmico executa um homem

por ser homossexual na Síria

28/01/2015

Sete mortos e 54 feridos em explosão num

Hospital Infantil em Cuajimalpa

29/01/2015

Atentado contra mesquita deixa

mais de 40 mortos no Paquistão

30/01/2015

A cada dia, uma má notícia é escrita sobre o muro que a devora instantaneamente. A cada dia, um câmera fixa filma a ação solitária. A mulher chega com o pincel e o recipiente com água, escreve a frase com letras nítidas e vai embora. O sol e o cimento fazem seu trabalho. Não vemos o que está atrás do muro nem o que está à frente. Só uma mulher e, às vezes, um cachorro. Não sabemos de onde vêm e nem pra onde vão.

Sempre que escrevemos, o fazemos com a finalidade de lembrar, de arrancar o escrito do esquecimento. Conseguimos o contrário. Porque só o que foi escrito pode ser apagado. Mas o que nunca foi escrito não pode ser esquecido porque não pode ser apagado; o que nunca foi escrito permanece presente, pairando sobre nós como um afeto indizível, como um estado de morte na vida do espírito. Lyotard nos instiga a inscrever, em palavras ou em imagens, a não furtar-nos da necessidade de representar. Insiste, no entanto, na diferença entre conservar a memória e tratar de preservar, na escritura, os restos, o inesquecível esquecido¹.

Marilá Dardot sabe que o que está escrito pode ser rasurado, apagado, eliminado. Sabe que nem sobre as pedras mais duras, nem sobre o papel mais branco, as letras permanecem. Por isso continua escrevendo. Em 2002, no vídeo *Hic et nunc*, uma de suas mãos apagava as palavras que a outra mão escrevia. Essas palavras formavam uma lista de ações que a artista enumerava como repertório de trabalho, à maneira da lista de verbos de Richard Serra. Sobre a superfície branca, os novos traços se sobrepuñam aos rastros sobreviventes de uma escritura apagada.

Não permanecem restos sobre o concreto. As palavras que a artista escreveu já haviam sido escritas sobre suportes mais eficientes. Por terem sido manchetes de primeira página, estiveram em todos os jornais impressos e em todas as publicações digitais. Alguém as leu na televisão e no rádio. Desapareceram, também desses (e com esses) suportes, como se todas as superfícies de enunciação fossem de concreto e todas as inscrições fossem de água.

O temor à perda, afirma Roger Chartier, obcecou às sociedades europeias na primeira modernidade. *Para dominar sua inquietude, fixaram, mediante a escritura, as marcas do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos, e todos os textos que não deviam desaparecer. [...] No espaço aberto da cidade, assim como no isolamento da biblioteca, em majestade sobre o livro ou com humildade sobre os objetos mais comuns, o escrito teve a missão de conjurar a ansiedade da perda*². Mas todo esse esforço criou um nova ameaça: a de uma avalanche textual incontrolável, que nos soterraria com textos sem sentido, com textos falsos ou desnecessários que proliferariam o caos e sufocariam o pensamento. Por isso houve que fazer-se uso do tão temido recurso de apagar, necessário, apesar de tudo, como o é o esquecimento para a memória.

Uma moça de largos cabelos ruivos está recostada sobre uma poltrona luxuosa e, ainda que tenta tapar o rosto com a mesma mão que sustenta a cabeça, não pode deixar de olhar uma carta com bordas fúnebres que está caída no chão. A morte acabou de entrar por uma porta que não vemos e se apoderou, discreta, do espaço angustiante da residência burguesa. Na composição circular da pintura — outro espaço angustiante —, o pequeno detalhe das faixas pretas ao redor do papel branco consegue obscurecer os brilhos das sedas e a luz dos cabelos vermelhos. A pintura, uma das poucas do século XIX exposta permanentemente em Belo Horizonte, se chama *A má notícia* e seu autor é Belmiro de Almeida.

A má notícia, assim, no singular, algo íntimo ou pessoal, chegava nessas folhas de luto, guardadas em envelopes também enlutados. As más notícias — na realidade parece que hoje todas as notícias são más notícias —, nos alcançam nos lugares mais recônditos. Já não podemos chorar ou nos desesperar no confortável e ominoso abrigo da antiga casa familiar. As paredes se desmoronam e estamos amontoados e sós numa terra sem fé.

Um dos grandes paradoxos da arte atual são suas condições de produção. O *Diário* de Marilá Dardot divulga e publica acontecimentos dolorosos, vergonhosos, malignos. Os vídeos foram filmados contra um muro de concreto que evoca outros muros infames e, no entanto, nos confundimos. Marilá Dardot escreve com água sobre a

bela parede de concreto de Tadao Ando que divide, paralela à praia, os espaços da Casa Wabi, no litoral azul de Porto Escondido, Oaxaca, México. Casa Wabi, no litoral do Pacífico, é um complexo de residências para artistas, projetado pelo arquiteto japonês, por encomenda do artista mexicano Bosco Sodi. Um paraíso de concreto e madeira, com bonitos tetos de palapas. *Et in Arcadia, ego*.

Sem quartos almofadados, sem sedas ou brocados, sem cartas de luto, as más notícias chegam até Marilá Dardot, escondida em Puerto Escondido, e ela as escreve (e deixa que desapareçam) no muro que talvez não seja um muro e sim um quebra-vento, uma tela, um tecido, um fundo infinito.

Todos conhecemos essas notícias. Assassínatos, execuções, atentados terroristas, corpos encontrados em valas comuns, relatos de punições e impunidades. Um dia, um mexicano converte-se em acionista majoritário do New York Times, outro dia, a milenar cultura yumana, distribuída ao longo das montanhas e dos desertos de Baixa Califórnia e do noroeste de Sonora no México, agoniza no silêncio.

Entre tantas más notícias existe uma boa notícia ou pelo menos assim parece ser; em 12 de janeiro de 2015, *Cuba liberta 53 presos políticos*. A ordem sintática que pospõe o sujeito soa mal, mas, ainda assim, imaginamos aos 53 presos políticos libertados felizes, passeando de braços dados pelas ruas alegres de La Habana, encontrando-se, como queria Júlio, nas esquinas libertadas e ... dá-lhe mojitos. Quando na verdade a notícia não diz nada disso. Mais nos vale um quartinho escuro e os abraços afetuosos dos amigos.

Marilá escreve. Já escreveu com pedras, com cerâmicas, com papel, com cimento, com dados, com plantas floridas. Nunca escreveu frases tão duras. Seus textos já foram líricos, literários, divertidos, românticos. O teor das palavras surpreende, mas não nos surpreende a delicadeza de seu traçado, nem sua projetada e paulatina desapareição. O muro impenetrável devora as más notícias, as digere como também digere o vento do Pacífico e as areias dos desertos australianos, as amálgama em sua massa compacta e úmida. No entanto, as imagens e as palavras de *Diário*, como sempre, aparecem. As imagens duram muito mais do que aqueles que as produzem, e, entre as fendas do tempo, por um momento, iluminam os recintos mais obscuros.

Tradução de Alexis de Azevedo

¹ LYOTARD, Jean François. *Heidegger and “the jews”* Minnesota: University of Minnesota Press, 1990. p.26.

² CHARTIER, Roger. *Inscribir y borrar Cultura escrita y literatura (siglos XI-XVIII)*. Buenos Aires: Katz, 2006. p.9.